



## XVII COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA

*Universidade, desenvolvimento e futuro na Sociedade do Conhecimento*

Mar del Plata – Argentina  
22, 23 e 24 de novembro de 2017  
ISBN: 978-85-68618-03-5



### **“A BIBLIOTECA COMO CAMPO DE SABERES E PRÁTICAS NA PROMOÇÃO EM SAÚDE DE UNIVERSITÁRIOS: ABORDAGENS E PERSPECTIVAS DA UNESP - CÂMPUS DE ILHA SOLTEIRA”**

**RENATA TRASSE DE OLIVEIRA BARBOSA**

UNESP - Câmpus de Ilha Solteira  
trasse@adm.feis.unesp.br

**ROGÉRIO DE OLIVEIRA RODRIGUES**

UNESP - Câmpus de Ilha Solteira  
ror@dec.feis.unesp.br

**JOÃO JOSUÉ BARBOSA**

UNESP - Câmpus de Ilha Solteira  
joao@adm.feis.unesp.br

**RAIANE DA SILVA SANTOS**

UNESP - Câmpus de Ilha Solteira  
raiane@adm.feis.unesp.br

**MARIO HENRIQUE DE GAMA E SILVA**

UNESP - Câmpus de Ilha Solteira  
web@gmail.com

**THALITA RUFINO DA SILVA SITIS**

UNESP - Câmpus de Ilha Solteira  
thalita@adm.feis.unesp.br

## **RESUMO**

A Universidade traz intrínseca à sua missão a premissa de fornecer formação integral aos seus alunos, inserindo a Educação em todo o processo de desenvolvimento humano, agregando para tal a formação em suas diferentes formas, entre elas a qualidade de vida. Nesse contexto amplo, a Saúde Coletiva emerge como temática inerente à Educação Superior. O estudo de cunho bibliográfico aqui apresentado tem o objetivo de demonstrar a relevância da Promoção em Saúde à juventude, ao demonstrar a morbimortalidade dos jovens brasileiros e situá-los no contexto da Educação Superior. Algumas estratégias teórico-metodológicas são apresentadas no âmbito da educação em saúde e a Biblioteca é situada como espaço inovador e fecundo para as diferentes abordagens e práticas da Saúde Coletiva. Almeja-se legitimar a promoção em saúde de jovens universitários como um campo de estudos e atuação legítima e de relevância dentro da Universidade Pública. Apresenta-se o ambiente de Biblioteca como espaço integral do sistema educacional e participante dos objetivos da Universidade, inclusive no desenvolvimento de promoção em saúde, que deve estar presente nos vários espaços educacionais e inerentes às condições de vida do jovem no ambiente acadêmico.

**Palavras chave:** Promoção em Saúde, Biblioteca, Universidade.

## **1. INTRODUÇÃO**

A Universidade traz intrínseca à sua missão a premissa de fornecer formação integral aos seus alunos. Sempre reportada ao ensino-aprendizagem das ciências e tecnologias, geralmente a inserção do jovem no mercado de trabalho é a contribuição à sociedade mais reconhecida, que se mostra parcial e reducionista.

Ao refletir sobre o conceito de educação preconizado pelo atual Plano Nacional de Educação do Brasil, a apropriação da Educação como elemento constitutivo do sujeito a insere em todo o processo de desenvolvimento humano, agregando para tal a formação em suas diferentes formas, associado à integração social e realização pessoal. Nesse contexto amplo, a Saúde Coletiva emerge como temática inerente a Educação Superior.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) determina há mais de 20 anos a grande importância de políticas públicas efetivas voltadas ao jovem adulto, definido como o período de 15 a 24 anos do ciclo vital. Essa mesma diretriz é emanada pelo Ministério da Saúde do Brasil, que enfatiza que as ações governamentais em todos os seus âmbitos, efetivem a formulação e aplicação de políticas de saúde, legitimando os jovens como sujeitos de direitos e promotores de cidadania. Nesse contexto insere-se a Universidade Pública, como detentora do papel de formular uma política integral aos seus jovens alunos, alicerçada na atenção primária, não apenas atendendo suas necessidades, mas as problematizando e as inserindo como parte do processo de educação no ensino superior.

Visando a introdução desse tema no contexto universitário e a formulação de ações institucionais, o Projeto de Extensão "Educação em Saúde no Trabalho", desenvolvido na UNESP - Câmpus de Ilha Solteira, buscou diferentes cenários de vivência dos alunos para iniciar seus estudos preliminares. Para tal, buscou realizar estudo teórico, aqui apresentado. O ambiente de Biblioteca foi escolhido por considerá-lo como espaço de acesso universal e de dispor em sua finalidade o desenvolvimento social, econômico, cultural, portanto detentor de uma visão ampliada de Educação e de cidadania.

O ensaio aqui apresentado tem o objetivo de demonstrar a relevância da Promoção em Saúde à juventude, como elemento inerente à Educação Superior. Algumas estratégias teórico-metodológicas são apresentadas e a Biblioteca é situada como espaço inovador e fecundo para as diferentes abordagens e práticas da Saúde Coletiva. Almeja-se legitimar a promoção em saúde de jovens universitários, como um campo de estudos e atuação em saúde coletiva dentro da Universidade Pública.

## **2. PROMOÇÃO DE SAÚDE VOLTADA AO JOVEM ADULTO: RECRIANDO UMA UNIVERSIDADE PROMOTORA DE SAÚDE**

Comparada às outras fases de vida, o jovem adulto pouco representa nas estatísticas de morbidade, o que os caracteriza, na perspectiva reducionista de saúde, como a faixa populacional que menos adoce e de pouca demanda nos serviços de saúde. Ao olhar apenas o ponto de vista da doença, o jovem torna-se sujeito inexpressivo para investimento de

abordagens de qualidade de vida.

Todavia, o conceito de saúde há muito preconizado pela Organização Mundial de Saúde (OMS), pela Carta de Otawa (WHO), traz uma amplitude de vários eixos interdependentes para qualquer avaliação da saúde da população jovem.

Tais eixos, no entanto, devem ser estudados em conjunto com as diretrizes da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), que estabelece como princípios comuns à OMS a promoção de políticas públicas saudáveis, a criação de ambientes de apoio, o fortalecimento de ações comunitárias e o desenvolvimento de habilidades pessoais, reforçando os pressupostos da ONU (WHO).

Alicerçados nos princípios já citados, inserir o tema e os avanços desse estudo requer trabalhar, em separado, assuntos que se inter-relacionam e só agregam valor quando vistos em somatória, quando se detém o objetivo de desenvolver uma política de qualidade de vida para os universitários. Dessa forma, a saúde do jovem adulto merece, no início desse estudo, ser refletida no contexto brasileiro. Posteriormente, as práticas pedagógicas e o sujeito universitário, em seu coletivo, trazem a necessidade do mesmo ser analisado como protagonista em sua própria qualidade de vida. Finalmente, o que cabe à Universidade Pública, perante à saúde de seus alunos, é reportado para o cerne do debate, situando a biblioteca como cenário singular para sua efetivação, fomento e espaço de expressões.

## 2.1 A SAÚDE DO JOVEM NO CONTEXTO BRASILEIRO

Parâmetros de saúde de jovens adultos são estáveis e de grande complexidade por serem parte da expressão social, econômica, política, cultural e ideológica de dado país e sua localidade e cultura. Apresentam cada vez mais a necessidade do desenvolvimento de políticas públicas intersetoriais, programas e ações que considerem todos esses aspectos, respaldados nas reais causas de morbimortalidade.

A relevância da juventude tornou-se, em 2013, diretriz do Governo Federal do Brasil com a criação da Lei nº. 12.852/2013, que instituiu o Estatuto da Juventude. A Lei destaca a promoção da vida segura, a cultura da paz, a gestão da informação, a produção de conhecimento, o bem-estar e o desenvolvimento integral dos jovens como um objetivo nacional. Estabelece a população de 15 a 29 anos de idade como detentoras da alcunha de juventude, o que significava abranger, em 2013, segundo o IBGE, mais de um quarto da população brasileira (mais de 50 milhões de pessoas).

Mas afinal, do que adoce o jovem brasileiro?

Araújo *et al.* (2015), ao pesquisar sobre as Doenças Sexualmente Transmissíveis em Fortaleza, detectou que a incidência é muito maior entre jovens adultos e adolescentes do que em outras faixas etárias. Essa constatação é semelhante aos dados do próprio Ministério da Saúde em todo o Brasil (BRASIL, 2014).

Chiapetti e Serbena (2007) evidenciaram a relevância em seu estudo do consumo de álcool e drogas entre jovens desde 2007. O II Levantamento Nacional de Álcool e Drogas, realizado em 2012 pela Unidade de Pesquisa de Álcool e Drogas da Universidade Federal de São Paulo (UNIAD), apresenta alarmantes resultados. No uso de álcool, 50% dos entrevistados jovens adultos, com 18 anos ou mais, referem uso contínuo, não existindo quase diferenças de gênero. No mesmo estudo, o uso de maconha abrange 2,5% dos jovens, o de cocaína 3,8% e o alarmante número de 9,6% de jovens adultos que já utilizaram

tranquilizantes e seus similares. O estudo de Botti, Lima e Simões (2010) ratifica essa temática como importante aspecto a ser trabalhado.

A Saúde Mental traz todo um amplo contexto de relação saúde-doença para a juventude. Estudos realizados com universitários têm demonstrado a prevalência de agravos mentais, como aponta o trabalho de Carlotto e Palazzo (2006), que abordou a Síndrome de Bounout há mais de uma década. Cavestro e Rocha (2006) salientaram a depressão já significativa na época da pesquisa.

Quanto aos Estilos de Vida, o estudo de Sousa, José e Barbosa (2013) demonstra as prevalências e os fatores associados aos baixos níveis de atividades físicas e atividades de lazer no público jovem. Informa também o consumo insuficiente de frutas e de hortaliças, além de ressaltar novamente o consumo de bebidas alcoólicas e hábito de fumar em estudantes de uma Universidade Pública da região Nordeste do Brasil. Os hábitos na vivência são aspectos relevantes para a saúde, pois o jovem adulto encontra-se ainda no fim de uma etapa de transição, cujas mudanças nas dimensões biológica e psicológica estão diretamente relacionadas à formação de hábitos e atitudes saudáveis.

Corroborando esse aspecto, Sousa *et al.* (2015) concluiu em sua pesquisa que o ingresso na universidade impacta de forma significativa o estilo de vida, a tal ponto de poder favorecer a hipertensão arterial precoce. Moreira e Gomes (2010), ao pesquisarem adultos jovens, constataram distintos fatores de risco, com destaque para o sedentarismo e o excesso de peso, que também poderiam provocar o aparecimento de diabetes na juventude.

Por outro lado, não menos preocupante, a mortalidade de jovens no Brasil é expressivamente gerada por causas externas. Melo e Garcia (2017) salientam que, em 2013, foram registrados 73,2 mil óbitos por essas causas, sendo a violência (homicídios), acidentes automobilísticos e suicídios os de maior incidência na morte de sujeitos jovens. Segundo os autores, a violência relata um fenômeno sócio-histórico e já é na atualidade um problema para a saúde pública.

## 2.2 O PAPEL DA UNESP NA PROMOÇÃO EM SAÚDE DA JUVENTUDE

A Universidade Pública, enquanto Instituição Social que é, exprime a estrutura e o modo de funcionamento da sociedade como um todo, por ter a própria sociedade como seu princípio e sua referência normativa (CHAUI, 2003). Por sua vez, as políticas públicas caracterizam-se como um campo multidisciplinar, que repercutem na economia e nas sociedades, nas inter-relações entre estado, política e economia. Integrar a sociedade, a Universidade e as políticas públicas, como elementos indissociáveis da conjuntura sociopolítica, econômica, científica e cultural do país, é uma resultante lógica (SOUZA, 2006).

A Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - UNESP - viabiliza um modelo singular de sistema de educação superior pública no Estado de São Paulo, por abranger as principais regiões do território paulista, através de seus diversos Câmpus, inserida em municípios de diferentes tamanhos, economias, formas culturais, características ambientais e demográficas.

A interiorização da UNESP representa para as diversas localidades uma gama diversa de formas de inserção da Universidade nas políticas públicas, com as diferentes esferas e atores, cuja cooperação traduz, de forma direta ou indireta, rebatimentos nas diferentes políticas públicas em cada território e, em sua somatória, no Estado.

Associado ao ensino e à pesquisa, a Extensão Universitária é uma forma de interação que existe entre a Universidade e a Comunidade na qual ela está inserida, com os diversos setores da sociedade (NUNES; SILVA, 2011). A Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira, um dos Câmpus da UNESP do interior paulista, situada a 670 km da capital, detentora de oito cursos de graduação e nove cursos de pós-graduação, nas áreas de Ciências Exatas e Biológicas, implantou em 2006 o Projeto de Extensão "Educação em Saúde no Trabalho", com a missão de sedimentar espaço permanente de promoção em saúde dentro da Comunidade Universitária, em conjunto com o Município.

O Câmpus da UNESP de Ilha Solteira almeja, através do projeto, construir um programa efetivo e contínuo voltado, de forma específica, para a saúde dos universitários, o que representa um avanço em termos de saúde pública destinada a essa população no interior do Estado de São Paulo. Duas premissas fundamentam a ação. A primeira é trabalhar a idéia de saúde como direito social, consolidando os alunos como sujeitos de direitos. A segunda é a inclusão dos mesmos na política de saúde mediada pela Universidade. De forma empírica, a ausência de incentivo ao protagonismo dos alunos é observada na participação dos mesmos, geralmente alheios no processo de construção, execução e avaliação dos programas a eles direcionados pelas políticas públicas, voltadas ao segmento, em cada município. Esse importante elemento desvincula as vivências dos universitários, frequentemente não considerados no planejamento das ações em saúde, como preconizam Dias e Oliveira (2009). Esse é o fator determinante para que a Universidade assuma ações efetivas de qualidade de vida de seus alunos em seu âmbito.

Discutir saúde do jovem no ambiente universitário traz uma mudança de paradigma para a sociedade, papel simbólico e social que só a Universidade detém na superação de juízo de valor da saúde coletiva juvenil. A importância social, econômica, política e educacional da juventude, para a opinião pública e para vários segmentos governamentais, estão prioritariamente sobre os "tidos problemas" que a juventude pode ter ou acarretar a outros. A Universidade deve evidenciar que os jovens são sujeitos passíveis de constituir estilos de vida saudáveis, quando ainda não "são problemas ou doentes" e que essas mudanças terão impacto individual e coletivo em curto prazo.

### **3. METODOLOGIA**

Para a apropriação e análise do objetivo proposto foi realizado estudo bibliográfico e documental utilizando-se descritores de conteúdo nos temas juventude, universidade e promoção em saúde.

### **4. RESULTADOS**

Os estudos realizados comprovam a relevância, preconizada pela ONU, da promoção à saúde como intrínseca à influência dos aspectos sociais sobre a saúde dos indivíduos e da população em todas as faixas etárias. Salienta de uma forma clara e inovada o imperativo de tratar a saúde agregada aos vários ambientes e condições de vida, o que incluem a universidade e toda a sua complexidade (WHO, 1986).

A criação de políticas públicas saudáveis, a organização de ambientes favoráveis à saúde, a reorientação dos serviços de saúde com foco na prevenção de doenças, o incentivo às ações comunitárias e o desenvolvimento de habilidades pessoais e grupais aparecem como aspectos interligados e sem possibilidade de coexistir sem o pleno exercício de cada um (OPAS).

O ambiente educativo (quer sejam escolas ou Universidades) mostra-se detentor de possibilidades de fomento à qualidade de vida dos alunos. No Brasil existem políticas públicas em diretrizes nacionais que poderiam ter espaço na Universidade, como a Política Nacional em Promoção em Saúde e Política Nacional de Educação Popular em Saúde (BRASIL, 2010; BRASIL, 2012; BRASIL, 2012).

Essas políticas trazem, em comum, o processo de capacitação da comunidade e seus diferentes atores para atuarem na melhoria de sua própria qualidade de vida e saúde, através de uma maior participação ativa e consciente no controle desse processo. As ações afirmativas de educação em saúde, nos ambientes de ensino e pesquisa, mostram um cenário qualificado para o desenvolvimento de ações de Promoção a Saúde, como já apontaram os trabalhos de Carlotto e Palazzo (2006) e Cavestro e Rocha (2006) em Universidades.

A tentativa de efetivar, a partir de referenciais teórico-metodológicos, práticas de educação em saúde para os alunos, no estudo aqui apresentado, trazem o arcabouço das dimensões individual, coletiva, técnica e política como fundamentais para qualquer referencial de qualidade de vida (PEREIRA, 2003).

A literatura mostra a relevância de conotar as ações aos espaços próprios dos sujeitos, o que significa considerar os ambientes de ensino como estruturas sociais, portanto propícios para abordagens por *settings*. Os *settings* sedimentam os contextos de vivência como determinantes ao trabalho de promoção em saúde, na concepção original de *settings for health approach*, superando a noção mecanicista de intervenção ativista, ao destinar o alcance de qualidade de vida de cada localidade ao investimento, comprometimento, parcerias e associação das culturas, processos, pessoas e instituições presentes em cada empreendimento (DOORIS et al., 1998).

Essa concepção corrobora as diretrizes da Carta de Ottawa (BRASIL, 2002), que delimita os *settings* como elementos de importância, ao afirmar que a saúde é construída e vivida pelos indivíduos no cotidiano, onde os sujeitos aprendem, trabalham e se relacionam (WHO, 1986). A abordagem por *settings* ganha, assim, um importante referencial na efetivação da Promoção em Saúde para a juventude no âmbito acadêmico.

Assim, a análise holística e socioecológica da saúde estão em uma constante relação com a educação, sendo o primeiro fator para a estratégia metodológica. Significa não apenas reconhecer o ambiente acadêmico como um determinante da saúde, mas compreender os meios econômicos, políticos e sociais dos meios produtivos da localidade e suas potencialidades na qualidade de vida dos alunos.

Outra estratégia é o conhecimento do perfil dos alunos e as características do ambiente. Outra vertente seria a qualidade das intervenções, direcionadas à construção, pelos alunos e instituições envolvidas, na efetivação da elaboração e implantação de políticas institucionais e saudáveis dentro de cada local de ensino e pesquisa, não restringindo a saúde do jovem e a promoção em saúde ao comportamento unilateral de dado adoecimento ou causa morte.

O Censo da Educação Superior divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, em 2013, informou que o Brasil possuía na época mais de 7,3 milhões de alunos na Universidade Pública. Acredita-se que dois terços sejam jovens de 17 a 24 anos. Esse dado salienta a importância da Universidade, pois ela detém toda uma faixa etária populacional sob sua responsabilidade formativa. Por sua vez a UNESP possui atualmente 51.311 alunos, em 33 municípios do Estado de São Paulo (UNESP, 2016).

A UNESP tem ainda um diferencial singular nesse panorama. Desde 2014 efetivou um Programa de Inclusão, como política afirmativa, por meio do Sistema de Reservas de vagas da

Educação Básica Pública, que terá, em 2018, 50% de suas vagas reservadas as etnias e alunos de escola pública (VASCONCELOS, GUALHARDO, 2015). Estudos como de Souza (2006) e Melo e Garcia (2017), além da própria OMS, demonstram que as desigualdades sociais interferem diretamente na saúde dos grupos populacionais, porque a sua existência está totalmente inerente aos determinantes sociais.

Ao refletir sobre estratégias de promoção em saúde, a Biblioteca torna-se ambiente singular. Gasque (2016) caracteriza a biblioteca escolar como propulsora de potencial de integração pedagógica, célula participante do processo educacional com atuação dinâmica e participativa, detentora de espaço ativo de aprendizagem e facilitador do acesso e do uso da informação.

Outros trabalhos, como de Castro Filho (2008) e Valls e Vergueiro (2011), vêm demonstrando que as novas tendências das Bibliotecas, especialmente as Universitárias, vão além de um espaço de estudo e guarda de livros. A perspectiva abrange um local com a finalidade de auxiliar os professores, os estudantes e a comunidade acadêmica, além de facilitar as atividades de ensino-aprendizagem, de formação, de gestão e de resolução de problemas e de acesso à informação e ao conhecimento.

O Bibliotecário, no contexto universitário, é o articulador central para priorizar a “educação dos usuários” (CAMPELLO, 2003, p. 68), pois possibilita ao aluno a autonomia para questionar e refletir, buscar o que se deseja, “conscientizando o aluno da necessidade de aprender a aprender e perceber a busca de conhecimento como um ato contínuo” (FIALHO; MOURA, 2005, p. 4).

Considerando que a Biblioteca tem que estar integrada à Universidade, portanto detentora de papel ativo e dinâmico, o conceito de biblioteca da OEA (1985, p. 35), ao caracterizar a biblioteca, a define como espaço de trabalho da missão fim e meio da Universidade, ao dizer:

[...] é uma instituição do sistema social que organiza materiais bibliográficos, audiovisuais e outros meios e os coloca à disposição de uma comunidade educacional. Constitui parte integral do sistema educacional e participa de seus objetivos, metas e fins.

A produção de sentidos ao aluno passa na compreensão do sujeito como elaborador de sua própria saúde. A biblioteca, por ser ambiente universal, pode contribuir com vários estímulos para a apreensão da relação jovem-mundo como fonte de interação indissociável, sendo o mundo aquisição simbólica da construção social e a biblioteca fomento dela.

A recente Política de Educação Popular (BRASIL, 2012) oficializa a associação entre saúde e educação. Coll (1994) define a educação como um conjunto de práticas sociais inerentes aos diferentes grupos reportados à sua experiência e conhecimento. A Educação em Saúde é um conjunto de práticas pedagógicas articuladas às práticas de saúde, que se materializam nas relações entre sujeitos sociais de diferentes saberes (PEDROSA, 2001) e se concebe em espaços diferentes. Nesses espaços, sem dúvida, a biblioteca traz muitas potencialidades de informação e formação.

Pensar práticas em educação continuada em saúde significa perceber os sentidos de sua natureza na perceptiva do jovem, sendo um importante elemento para a eficiência e eficácia no alcance da construção de comunidades saudáveis em seus valores e princípios, buscando reverter os quadros nefastos de morbimortalidade da juventude brasileira. As implicações didáticas, de necessidade contínua de estudos, para se obter formas de considerar os conhecimentos prévios dos sujeitos, com a incorporação dos temas nos processos de



aprendizagem dos campos afetivo, cognitivo e comportamental, trazem uma gama de competências que a Biblioteca poderia contribuir. Essa contribuição não se limita apenas à abertura de espaços para transmissão de informações de saúde, mas no desenvolvimento de pesquisas aplicadas, jogos e vivências, cine debates, oferta de literatura especializada, palestras, oferta de serviços, dentre outras infinitudes de ações correlatas a cada localidade e perfil.

O espaço de biblioteca, com certeza, traria cores e sabores diferenciados nesse espaço inovador na Universidade de fazer o cotidiano uma prática empírica da indissolubilidade do campo da Saúde com o da Educação.

## 5. CONCLUSÃO

O alcance das diretrizes da política nacional da juventude, ilustrada no Estatuto da Juventude, permeia os espaços acadêmicos. A introdução e legitimação de se trabalhar a qualidade de vida dos jovens, como parte dos objetivos da Universidade enquanto política inerente ao processo educativo no país, é um espaço em construção, embora já reconhecido como de importância. O desenvolvimento das ações educativas sempre requer um entendimento da sociedade, enquanto processo didático de compreensão do viver – ser - e de gerar saúde - doença do indivíduo e do seu coletivo em seu ambiente. Trazer o cenário da Biblioteca como detentor de possibilidades efetivas de promoção em saúde à juventude faz a Universidade vivenciar espaços educativos em todo o seu contexto. A promoção de estilos saudáveis de vida só é possível com a promoção da saúde. A introdução de educação em saúde no adulto jovem prevenirá os números alarmantes de morbidade e mortalidade do jovem brasileiro, além de manter os adultos mais produtivos. Finalmente, a Universidade tem potencialidade de formas educativas e pedagógicas inéditas para firmar, em seu contexto, o cumprimento do Estatuto da Juventude no Brasil pela Promoção em Saúde.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. A. L. et al. Doenças sexualmente transmissíveis atendidas em unidade primária de saúde no Nordeste do Brasil. **Cadernos de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 4, p. 347-353, 2015.

BOTTI, N. C. L.; LIMA, A. F. D.; SIMÕES, W. M. B. Uso de substâncias psicoativas entre acadêmicos de enfermagem da Universidade Católica de Minas Gerais. **SMAD Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 1, 2010. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/smad/article/view/38710/41561>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. **As cartas de promoção à saúde**. Brasília, DF: O Ministério: 2002.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Popular em Saúde**. Brasília, DF: O Ministério, 2012.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política Nacional de Promoção em Saúde**. Brasília, DF: O Ministério, 2010.

BRASIL, Ministério da saúde. **Política Nacional de Saúde do Trabalhador**. Brasília, DF: O Ministério, 2012.

BRASIL. Presidência da República. Lei n. 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto

da Juventude e dispõe sobre o direito dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas da juventude e o Sistema Nacional da Juventude – SINAJUVE. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, Seção 1, p. 5,6, ago. 2013.

CAMPELLO, B. S. (Org.). Elementos que favorecem a colaboração entre bibliotecários e professores. In: \_\_\_\_\_. **Biblioteca escolar: conhecimentos que sustentam a prática**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012. p. 73-89.

CARLOTTO, M. S.; PALAZZO, L. S. Síndrome de burnout e fatores associados: um estudo epidemiológico com professores. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 1017-1026, 2006.

CASTRO FILHO, C. M. **O modelo europeu do Centro de Recursos para el Aprendizaje y la Investigación (CRAI) e as bibliotecas universitárias brasileiras: convergências e divergências**. 2008. 238 f. Tese (Doutorado em Cultura e Informação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CAVESTRO, J. M.; ROCHA, F. L. Prevalência de depressão entre estudantes universitários. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 55, n. 4, p. 264-267, 2006.

CHAUÍ, M. A universidade pública sob nova perspectiva. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 5-15, dez. 2003.

CHIAPETTI, H.; SERBENA, C. A. Uso de álcool, tabaco e drogas por estudantes da área de saúde de uma universidade de Curitiba. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 20, n. 2., p. 303-313, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v20n2/a17v20n2.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

COLL, C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 159 p.

DIAS, E. C. Organização da atenção à saúde no trabalho. FERREIRA JÚNIOR, M. **Saúde no trabalho: temas básicos para o profissional que cuida da saúde do trabalhador**. São Paulo: Roca, 2000. p. 9-17.

DOORIS, M. et al. The settings-based approach to health promotion. In: TSOUROS, A. et al. (Ed.). **Health promoting universities: concept, experience and framework for action**. Copenhagen: WHO Regional Office for Europe, 1998.

FIALHO, J. F.; MOURA, M. A. A formação do pesquisador juvenil. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 194-207, 2005.

GASQUE, K. C. G. D.; CASARIN, H. C. S. Bibliotecas escolares: tendências globais. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, p. 36-55, set./dez., 2016.

MELO, A. C. M.; GARCIA, L. P. atendimentos de jovens vítimas de agressões em serviços públicos de urgência e emergência, 2011: diferenças entre sexos. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 1333-1341, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v22n4/1413-8123-csc-22-04-1333.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

MOREIRA, T. M. M.; GOMES, E. B.; SANTOS, J. C. Fatores de risco cardiovasculares em

adultos jovens com hipertensão arterial e/ou diabetes *mellitus*. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, v. 31, n. 4, p.662-669, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rgenf/v31n4/a08v31n4.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

NUNES, A. L. P. F.; SILVA, M. B. C. A Extensão universitária no ensino superior e a sociedade. **Revista Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, v. 4, n. 7, p. 119-133, jul/dez. 2011. Disponível em: <<http://www.uemg.br/openjournal/index.php/malestar/article/view/60>>. Acesso em: 11 jan. 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Redução das desigualdades no período de uma geração**: Igualdade na saúde através da ação sobre os seus determinantes sociais. Genebra: OMS, 2010. Relatório Final da Comissão para os Determinantes Sociais da Saúde.

ORGANIZAÇÃO DOS ESTADOS AMERICANOS - OEA. **Modelo flexível para um sistema nacional de bibliotecas escolares**. Brasília, DF: FEBAB, 1985.

PEDROSA, J. I. S. Avaliação das práticas educativas em saúde. In VASCONCELOS, E. N. (Org.). **A saúde das palavras e nos gestos**: reflexões da rede de educação popular e saúde. São Paulo: HUCTEC, 2001.

PEREIRA, A. L. F. As tendências pedagógicas e a prática educativa nas ciências da saúde. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 5, p. 1527-1534, set. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v19n5/17825.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2017.

SOUZA, C. Políticas públicas: uma revisão de literatura. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n. 16, p. 20-45, jul/dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/soc/n16/a03n16>>. Acesso em: 6 jan. 2017.

SOUSA, T. F.; JOSÉ, H. P. M.; BARBOSA, A. R. Conduas negativas à saúde em estudantes universitários brasileiros. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 12, p. 3563-3575, 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v18n12/a13v18n12.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

SOUSA, L. S. N. et al. Change in blood pressure levels in college students. **Texto contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 24, n. 4, p. 1087-1093, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v24n4/0104-0707-tce-201500003730014.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP. **Anuário estatístico**. São Paulo: Unesp, APE, 2016. v. 16.

VALLS, V.; VERGUEIRO, W. (Org.). **Tendências contemporâneas na gestão da informação**. São Paulo: Sociologia e Política, 2011.

VASCONCELOS, M. S.; GALHARDO, E. **Impacto financeiro do programa de inclusão e de permanência estudantil na UNESP**. São Paulo: Coordenadoria de Permanência Estudantil UNESP, 2015.

WORLD HEALTH ORGANIZATION – WHO. **The Ottawa charter for health promotion**. Geneve: WHO, 1986.